

APRESENTAÇÃO

Neste semestre estamos produzindo um volume composto de textos diversos, que evocam interesses que são atuais, o que nos evidencia que em literatura tudo permanece contemporâneo, despertando o gosto da leitura por motivos outros do que aqueles que justificaram a sua escolha em outros tempos.

É o caso do primeiro artigo, apresentado por Karla Pintar sobre Alfred de Vigny (1797-1863), autor do romantismo francês, um dos principais poetas do movimento em seu período inicial. Oriundo de família da nobreza militar, ele recebeu educação que o tornou, bem jovem, dramaturgo, tradutor em verso do teatro de Shakespeare, poeta e romancista. Em 1820, começa sua dedicação à escrita com *Le Bal*, poema publicado no *Conservateur Littéraire*, onde traça um retrato de como percebia a existência. Ao traduzir Shakespeare, ele sente-se encorajado a escrever *Chatterton* (1835), peça com que consegue grande sucesso junto ao público. Além disso, Vigny aprofundou-se em detalhes que se apresentavam nas obras do dramaturgo inglês, das quais recebeu a maior parte de seu conhecimento teatral. Em 1824, o poeta escreveu *Eloá*, em 1826, *Poèmes antiques et modernes* e *Cinq Mars*, deixando após eles a carreira militar para dedicar-se ao teatro e à poesia. Seguindo o caminho das tradições familiares, ele coloca-se como defensor do reinado e não encara bem as mudanças da Revolução. Durante sua vida ele vê afundar duas vezes a Monarquia e, mais tarde, a Segunda República, o que o abate, perante essas mudanças políticas e sociais. A morte da mãe em 1830 e a ruptura com sua companheira Marie Dorval, além disso, reforçam o teor poético e dramático, às vezes obscuro, que caracterizam poemas como *La mort du loup*, em 1846, no primeiro volume de *Les Destinées*. Os versos do poema o aproximam da teoria da narrativa poética, forma pela qual ele será analisado aqui, voltado para o silêncio na resignação no espaço poético, para o silêncio na análise do comportamento e aprendizado na tomada de consciência.

Alexandre Bebiano de Almeida traduz e tece comentários sobre crônica de Marcel Proust em torno de “Impressões de viagem em automóvel”. Em 19 de novembro de 1907, uma semana após a abertura da *Exposition décennale de l'automobile* no *Grand Palais de Paris* aparece publicada no jornal *Le Figaro* essa

crônica de Marcel Proust. O autor insere-se, assim, de chofre, no contexto dos eventos que vêm celebrar o avanço da técnica e do progresso na *Belle Époque*, particularmente da indústria do automóvel, e estaria dando uma resposta ao debate sobre esses avanços da técnica e da ciência, que revolucionam o cotidiano e seriam capazes de modificar nossa sensibilidade, isto é, nossa maneira de ver e sentir. Os escritores não podem ignorar as mudanças que atingem o cotidiano, e suas reações e percepções das novas tecnologias variaram muito. André Gide e outros vão se demonstrar contrários aos novos experimentos técnicos, considerando o entusiasmo por essas descobertas como uma desmesura. Nessa crônica, Proust responde ao debate com impressões e visões rápidas e superficiais de fragmentos que vêm transcrever uma viagem de automóvel pela Normandia. Essa crônica integra o raro grupo de textos jornalísticos que foram recolhidos por Proust em *Pastiches et mélanges*, e que integrarão mais tarde seu grande romance *Em busca do Tempo perdido*.

Outro artigo que traz tópico atual à revista é “As representações de Françoise de Beauvoir em *Memórias de uma moça bem comportada* e *Uma morte muito suave*”, de Simone de Beauvoir”, escrito por Camila Geovanna Alves da Silva e seu orientador Tiago Hermano Breunig da UFPE. Trata-se do projeto literário autobiográfico da autora francesa, assim elucidado por Beatriz Sarlo em 2007, “[...] não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento, a transforma no comunicável.” A escrita testemunhal intermediou a transposição de sua vivência em forma literária. Foram 23 anos nos quais ela produziu 6 livros: *Memórias de uma moça bem comportada* (1958), *A força da idade* (196), *A força das coisas* (1963), *Uma morte muito suave* (1964), *Balanço final* (1972) e *A cerimônia do adeus* (1981). O si-mesmo e o Outro são os principais protagonistas dos eventos representados nos textos literários beauvoirianos, pois os dois atuam em função da construção da identidade subjetiva do sujeito enunciativo. A autora ratifica a ideia de interdependência entre o Eu e o Outro. O presente estudo quer analisar duas obras nas quais a construção subjetiva da entidade narrativa é conjugada com e impulsionada pela representação do Outro. Os articulistas propõem uma análise comparativa entre as representações de Françoise de Beauvoir, mãe de Simone, nos livros *Memórias de uma moça bem comportada* e *Uma morte muito suave*.

“*Kamouraska: caminhos de um interior feminino*” também retoma a mulher como centro de interesse, a partir de abordagem de Flora Rittmeister Damasceno, que aproxima nossas culturas – de americanas, quebequenses, antilhanas – de

países pertencentes à América Latina. Em seu texto, Damasceno quer mostrar como a liberdade quebequense pode contribuir para o entendimento de nossa sociedade, pela representação de mulheres autoras no movimento artístico e social na província do Québec, entre elas Anne Hébert (1916-2000), escritora, poetisa e dramaturga quebequense no Canadá e na Europa. Começou pelos poemas *Les songes en équilibre* em 1942, influenciada pelo contexto histórico do Quebec quando começou a publicar. Ao lado de outros artistas, ela lutou contra a opressão do período da *Grande Noirceur* (Grande Escuridão) sob o governo do primeiro ministro conservador Maurice Duplessis que impossibilitava o desenvolvimento social e cultural da província, onde as alunas eram proibidas de cursar o secundário. Os primeiros textos de Hébert foram considerados subversivos. Com o pintor Paul-Émile Borduas, inspirado no surrealismo francês, e mais 15 artistas redigiram o manifesto *Refus global* (Recusa total) reivindicando liberdade de expressão por meio da arte. Nos anos de 1960, ocorre a Revolução tranquila, período em que um governo trouxe reformas políticas, econômicas e culturais ao Quebec, permitindo que o francês se tornasse língua pública da população dessa província – o canadense francês torna-se quebequense e sua liberdade também. Na década seguinte o feminismo fez suas reivindicações, causando rupturas e grande efervescência cultural. Ao viver todas essas conturbações e mudanças, Anne Hébert manifesta-se em suas obras, nas quais a necessidade de libertação encontra-se expressa na maioria das personagens, como Elizabeth d’Aulnières em *Kamouraska*, nome da cidade da província do *Quebec*, publicada inicialmente em Paris em 1970. Nesse romance, Hébert apresenta uma narrativa complexa, com diversos temas e símbolos que se unem na construção da unidade do livro – identidade, violência, sexualidade, medo, amor, natureza, neve, fogo, história do país – na perspectiva da crítica literária feminina.

O artigo seguinte é de outro teor. Trata-se da tradução comentada do poema “A New York”, pertencente à coletânea *Éthiopiennes*, do poeta senegalês Léopold Sédar Senghor, apresentada em francês por Vanessa Ferreira de Oliveira. Ela explica, na Introdução, que o título da coletânea é um neologismo, composto a partir de *Éthiopie*, nome do país cuja raiz grega é *aethiops*, “face queimada ou negra”, que faz referência a uma espécie de macacos que vivem na região. O título *Éthiopiennes*, misturando a África e a Europa, tendo a palavra “negra” na composição, anuncia dois elementos constitutivos da obra de Senghor: a mestiçagem cultural e a negritude, o que se pode verificar no poema “A New York”. Oliveira esclarece também que é interessante na coletânea sua construção segundo uma partitura musical contendo 3 partes: a primeira contém 7 poemas

celebrando a África e seu misticismo; um poema dramático; elegias e um prefácio que é um manifesto poético onde Senghor lembra a importância dos poetas negros nas letras francesas, ao evocar elementos da cultura negro-africana atingindo o símbolo do “mestiço-cultural” encarnado pelo escritor negro de expressão francesa. O poema “A New York” é o sexto poema da primeira parte e Senghor justifica que é um canto composto para uma orquestra de jazz: “solo de trompete”, o qual é o instrumento de sopro mais agudo da família dos metais e é preciso ter isso em mente ao ler o poema. Na segunda e terceira partes do texto, a autora-tradutora expõe os problemas e as escolhas suscitados pela tradução do poema.

No próximo artigo, Jorge Morais aborda a “Ficção-científica francesa no Brasil no século XX” em um panorama do gênero que expõe as obras importantes que foram objeto de tradução no Brasil. Trata-se de um levantamento bibliográfico amplo feito em páginas da rede social Skoob, do site de vendas de livros Estante Virtual e da enciclopédia colaborativa online francesa Noosphere, que revelou ter havido dois momentos da tradução de tais obras no Brasil: nos anos de 1930 e entre as décadas de 1960 e 1980, com muitas lacunas deixadas entre eles, o que evidencia que este é um campo de estudo em aberto no Brasil, como observa o autor. Ao lado de edições, editoras e coleções, a pesquisa mostra também os tradutores e tradutoras que colaboraram para aproximar do Brasil esse gênero que aqui está ligado à tradução; limita-se à literatura e ao século XX, pois não há sinais de sua publicação no Brasil no século XIX; deixou de lado Jules Verne, pois seu histórico de edições e adaptações provavelmente renderiam várias pesquisas, tratando apenas de Paris no século XX, redescoberto em 1994 e traduzido e publicado no Brasil no ano seguinte. A pesquisa relata a história da ficção-científica na França em quatro períodos, com interrupções entre eles: o maravilhoso científico que se inicia com Verne e Wells e autores que eles influenciaram; o pós-guerra, a partir de 1951, com três grandes coleções francesas – *Le Rayon fantastique*, *Anticipation* e *Présence du futur* – além de algumas revistas e traduções da ficção americana; o terceiro período, com as coleções *Ailleurs et demain* e livros publicados pela editora *J'ai lu* a partir dos anos 1970, além de revistas; o último período após os anos 1990, o autor chama de período de Consolidação. Vê-se que a maior parte dos livros surgem em coleções, mas há aqueles que saíram isoladamente por várias editoras e de maneira assistemática, que o articulista chamou de desgarrados. No final do artigo ele conclui no sentido de que, do exposto, foi possível conhecer numerosos autores e autoras ignorados no Brasil e pouco reeditados em seu país de origem e, por isso, considerados subliteratura

porque leitura para a grande massa ou para jovens garotos. De maneira geral, constituem-se de novelas espaciais, viagens no tempo, ficções apocalípticas, distopia, *new-wave*, somando 86 livros, 30 autores e duas autoras e 35 tradutores e tradutoras.

Finalmente, foi acrescentado ao volume o artigo sobre “Haiti e Senegal: da francofonia aos contatos de políticas linguísticas em Santa Catarina e na Grande Florianópolis”. Este artigo de Sandrine Allain relaciona-se a problemas da francofonia resultante da presença de fluxos migratórios em Santa Catarina, um dos estados sulinos do Brasil e, mais particularmente, na Grande Florianópolis, capital do estado, desde 2010. Ela faz observações sobre os fluxos migratórios no Brasil que tiveram características peculiares na década de 2010 a 2020, sendo que no primeiro quinquênio “[...] constata-se o incremento de imigrantes provenientes do Sul Global (p. ex: senegaleses, congoleses, angolanos, haitianos e venezuelanos entre outros)” (Cavalcanti). Entre esses, o Haiti e o Senegal têm por discurso motivos geográficos, históricos, socioculturais, contextos e manifestações linguísticas muito diferentes. Ora, no relatório anual da OBMigra de 2020, total ausência de relato dos aspectos linguísticos atrelados a estes fluxos migratórios no Brasil, e que poderiam instigar política linguística mais concisa para os imigrantes.

Guacira Marcondes Machado

